

IDENTIDADES DIASPÓRICAS EM *UNACCUSTOMED EARTH*: A FICÇÃO DE JHUMPA LAHIRI

Shirley de Souza Gomes Carreira - UNIABEU¹

Resumo: A experiência da migração gera identidades diaspóricas, resultantes da tradução cultural. Este texto tem por objetivo refletir sobre a concepção contemporânea de diáspora para analisar a configuração da identidade do imigrante em dois contos da autora indiana Jhumpa Lahiri que fazem parte da coletânea *Unaccustomed Earth*. Nessa obra, a autora focaliza o conflito identitário dos filhos de imigrantes e a tensão dialética entre a tradição e a tradução.

Palavras-chave: Identidade; Diáspora; Jhumpa Lahiri; Tradição; Tradução

Diasporic identities in *Unaccustomed earth*: Jhumpa Lahiri's fiction

Abstract: Migration gives origin to diasporic identities as a result of cultural translation. This text aims at brooding over the contemporary concept of diaspora in order to analyze the configuration of the immigrant's identity in two short-stories by Jhumpa Lahiri. In *Unaccustomed Earth* she focuses on the second-generation immigrant's conflict as well as on the dialectic tension between tradition and translation.

Keywords: Identity; Diaspora; Jhumpa Lahiri; Tradition; Translation

*My children have had other birthplaces,
and, so far as their fortunes may be
within my control, shall strike their roots
into unaccustomed earth*

Nathaniel Hawthorne

¹ Pesquisa realizada com apoio da FAPERJ.

1. Uma reflexão sobre o conceito de diáspora: à guisa de introdução

Os grandes deslocamentos humanos figuram como o lado visível de fenômenos invisíveis e, quando se intensificam, indicam que algo está ocorrendo nos bastidores da História. Segundo Goldberg (1997, p.21) “a migração é uma condição natural da experiência humana”; no entanto, a motivação para esse deslocamento pode ter origens diversas: catástrofes, a necessidade de sobrevivência, a busca da estabilidade econômica ou mesmo perseguições de ordem política ou religiosa.

O vocábulo “diáspora”, oriundo do grego *διασπορά*, que, por um longo tempo, foi usado para referir-se à dispersão do povo hebreu no mundo antigo, contemporaneamente se refere a todas as formas de deslocamento de populações humanas (SCHNAPPER, 2001).

Em *Reflexões sobre o exílio*, Said (2003, p.47) afirma que o século XX é, efetivamente, “a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa”. Tendo o seu conceito primeiro expandido, a diáspora se transformou num dos conceitos centrais para a compreensão das novas formas institucionais que assumem os novos atores coletivos transnacionais num mundo globalizado.

Em *Global Diasporas*, Robin Cohen (1997, p.1-2) afirma que os estudos da diáspora passaram por quatro fases: a primeira, ligada à interpretação original da palavra, focalizou a dispersão judaica e, pela proximidade da situação histórica, a africana e palestina. A segunda, a partir de 1980, diz respeito a um uso metafórico da palavra “diáspora”, uma vez que abrange categorias diversas, como expatriados, exilados políticos, imigrantes e minorias étnicas e raciais. A terceira, iniciada na segunda metade dos anos noventa, surge como uma reação à expansão do conceito. Sob a influência do pós-modernismo, houve uma tentativa de desconstrução de elementos cruciais para o conceito de diáspora: as noções de “terra natal” e de “comunidade étnica e religiosa”. Por fim, Cohen afirma que, na contemporaneidade, a questão da desterritorialização e da fluidez de identidades continua em foco, uma vez que eventos históricos, de alguma forma, voltam a reacender as discussões em torno do sentido de pertencimento.

Para Safran (1991, p.83-84), a diáspora caracteriza-se pela dispersão de um grupo de um centro original para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras, marcada pelas seguintes características: a manutenção de uma

memória coletiva; a existência de uma perspectiva comum e de uma visão mítica da terra natal; a crença de que a aceitação plena na sociedade hospedeira não é possível; respeito pela terra natal ancestral como o lar verdadeiro, ao qual um dia retornará; o compromisso com a manutenção ou restauração da terra natal, sua segurança e prosperidade; e uma relação pessoal ou indireta com a terra natal por meio de uma consciência étnico-comunitária.

Cohen (1999, p.274) amplia o conceito de diáspora adicionando às características listadas por Safran a expansão para além de uma terra natal à procura de trabalho, em busca de comércio ou por futuras ambições coloniais; o senso de empatia e solidariedade com membros de mesma etnia em outros locais de assentamento, e a possibilidade de uma vida peculiar, até mesmo enriquecedora e criativa, nos países anfitriões que apresentam uma tolerância para o pluralismo.

Na perspectiva dos Estudos Culturais (HALL, 2008, p.32-33), com particular relevância para este artigo, o conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença; está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro”, porém, “as configurações sincretizadas da identidade cultural requerem a noção derridiana de *différance*, uma diferença que não funciona através dos binarismos”.

Assim, os estudos contemporâneos sobre globalização e cultura, que enfatizam o caráter híbrido, fluido, cambiante, das novas formas de identidade, apoiam-se no conceito de diáspora para construir um referencial em torno do qual poderiam se organizar e explicar as identidades de grupos marginais nos países avançados do mundo contemporâneo; incluindo os fenômenos relativos às migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles.

Em *Imaginary Homelands*, Rushdie (1991, p. 277-8) afirma que um imigrante sofre, tradicionalmente, uma tripla ruptura: ele perde seu lugar antropológico¹, adota um idioma diferente e encontra-se em um meio ambiente em que os códigos sociais não só divergem dos seus, mas podem, às vezes, ser desagradáveis ou mesmo ofensivos. As raízes, o idioma e as normas sociais são, assim, três importantes elementos constituintes da identidade cultural. Ao negá-los, o imigrante é compelido a encontrar novos meios de descrever-se e definir-se como indivíduo (CARREIRA, 2004, p.1).

Com efeito, um aspecto fundamental da experiência migratória é a redefinição das identidades culturais e nacionais, que ocorre quando os indivíduos deixam uma sociedade ou uma cultura e tornam-se parte de outra.

Considerando que os processos de configuração de identidades nas diásporas contemporâneas não são uniformes, é possível identificar duas tendências distintas no que diz respeito às identidades culturais: a homogeneidade e a heterogeneidade, atentando-se para o fato de que na primeira ocorre o predomínio de uma cultura sobre as demais, enquanto que na segunda há a disseminação da diferença cultural, que pode assumir um caráter positivo ou negativo. O caráter positivo aponta para o hibridismo cultural, a criouliização, o sincretismo cultural. O negativo relaciona-se ao reforço de identidades locais, gerando manifestações identitárias exacerbadas; caso do fundamentalismo religioso e do racismo.

Segundo Gilroy (1997), os migrantes mantêm ligações com a terra natal por meio da recordação e do sentimento forte de que há perigos envolvidos no esquecimento do local de origem. Para o autor, a identidade diaspórica contrapõe-se à natureza essencialista da identidade nacional, pois transcende os referentes que a constituem.

O grande dilema do migrante é a tensão dialética entre a tradição e a tradução. Há que “habitar, no mínimo, duas identidades, falar duas linguagens culturais” e traduzir e negociar entre elas (HALL, 1998, p. 89).

A dimensão dessa experiência não é acessível apenas por meio de relatos, da história oral, pois a literatura também tem se tornado um meio de representação dos dilemas enfrentados pelos imigrantes nos países de adoção.

A literatura indiana contemporânea em língua inglesa é rica em representações de identidades diaspóricas, ou seja, em personagens que experimentam o exílio, forçado ou voluntário, e passam por uma crise identitária decorrente do choque cultural.

O propósito deste artigo é analisar a configuração identitária do imigrante na ficção de Jhumpa Lahiri, mais especificamente em contos da coletânea *Unaccustomed earth* (2008).

2. Identidades híbridas em pátria de adoção: a ficção de Jhumpa Lahiri

Jhumpa Lahiri nasceu em Londres e foi educada nos Estados Unidos. Filha de imigrantes indianos, tornou-se conhecida graças a dois livros de contos, *Interpreter of maladies* e *Unaccustomed earth*, e um romance, *The namesake*, que obtiveram sucesso de crítica e de público.

Embora tenha nascido na Inglaterra e, por motivos óbvios, não partilhe a dificuldade com o idioma, que é típica dos imigrantes, Lahiri escreve textos que transitam no vasto território das relações interculturais e encontram eco na experiência empírica de leitores que, sendo igualmente imigrantes, encontram-se na posição insólita de quem está no limiar de duas culturas diferentes. É desse entre-lugar, o “terceiro espaço” mencionado por Bhabhaⁱⁱ, que seus personagens se enunciam; não na forma de estereótipos, mas como indivíduos, que, em circunstâncias particulares, posicionam-se diferentemente quanto à questão da imigração.

De certo modo, Lahiri assume as características do escritor migrante definido por Salman Rushdie em *Imaginary Homelands*ⁱⁱⁱ, uma vez que seus livros oferecem um vislumbre das dificuldades enfrentadas por imigrantes indianos ou seus descendentes, que, em um processo de crise de identidade, sentem-se incapazes de lidar com o sentimento de inadequação social.

Em *Unaccustomed earth*, Lahiri focaliza especialmente a problemática da integração de uma segunda geração de famílias imigrantes, nascida na América, dividida entre a manutenção da tradição, imposta pelos ascendentes, e a necessidade da tradução, a fim de adequar-se ao modo de vida americano.

Os processos inerentes à transculturação^{iv} são elementos sempre presentes na obra de Lahiri e mostram claramente que a identificação da primeira geração com o local de origem é diferente daquela das gerações seguintes, uma vez que é pautada na memória e na experiência da ruptura e do deslocamento, gerando a necessidade de formar uma nova rede social e de negociar novas realidades econômicas, políticas e sociais (BRAH,1996, p.194).

Um indivíduo é em parte o resultado de suas próprias experiências e em parte o produto de uma série de normas sociais que são internalizadas por meio da memória coletiva. Assim como o pertencimento a um grupo proporciona

material para a memória e impele o indivíduo a lembrar alguns eventos em particular, em detrimento de outros, os grupos também produzem memórias nos indivíduos sobre eventos que, na realidade, estes nunca experimentaram.

Os filhos de imigrantes experimentam essa memória de empréstimo de um modo mais agudo, devido ao fato de não terem usufruído de um contato real com a terra de seus pais.

2.1 Raízes em terra estrangeira: “Unaccustomed earth”

O conto que dá título ao livro aborda o conflito interior de Ruma, filha de imigrantes indianos, nascida na América, que, prestes a ter o segundo filho, recebe a visita do pai em sua nova casa em Seattle. A visita desperta na protagonista uma profusão de sentimentos, trazendo à tona velhos ressentimentos e uma reflexão profunda sobre a sua relação com o passado, com os pais e a tradição.

O pai da protagonista, viúvo e aposentado, envia-lhe cartões dos locais por onde passa em suas viagens pela Europa, que constituem a única, e quase lacônica, comunicação entre eles.

The postcards were the first pieces of mail Ruma had ever received from her father. In her thirty-eight years he'd never had any reason to write to her. It was a one-sided correspondence; his trips were brief enough so that there was no time for Ruma to write back, and besides, he was not in a position to receive mail on his end (...) The cards were addressed to Ruma; her father never included Adam's name, or mentioned Akash. It was only in his closing that he acknowledged any personal connection with them. “Be happy, love Baba”, he signed them, as if the attainment of happiness were as simple as that (LAHIRI, 2008, p. 4).^v

A dificuldade de Ruma para viver de acordo com a tradição da família indiana foi uma das causas desse distanciamento. Quando decidiu casar-se com Adam, a família interpretou a escolha como uma rejeição ou vergonha das próprias raízes. Com o casamento e a mudança de Nova York para Seattle, a falta de comunicação já existente tornou-se quase absoluta.

A proximidade da visita do pai leva Ruma de volta ao conflito. No íntimo, ela teme que, ao término das viagens, ele venha para ficar e que a sua presença traga de volta velhos hábitos, aos quais ela nunca se acostumara, bem como o passado que ela deixara para trás.

Em Seattle, Ruma experimenta o sentido do exílio, pois a nova cidade dá-lhe uma sensação de estranhamento maior do que a que sempre sentira em sua juventude, ante a imposição de costumes e da tradição de um país que ela nem chegara a conhecer. Não era como Nova York, onde se sentia à vontade e podia esquecer tudo o que lhe incomodava em sua ascendência.

Ela tem consciência de que, de acordo com a tradição indiana, cabe à filha cuidar do pai em sua velhice, mas não se sente preparada para cumprir o seu dever. Ela sabe que a visita ocorrerá no intervalo entre duas viagens e que o próximo destino do pai será Praga. Se por um lado, preocupa-se com ele, vigiando as notícias, com receio de que algo lhe aconteça, por outro, guarda dentro de si um conjunto de motivos que lhe permitam justificar as próprias atitudes.

Após a morte da mãe, Ruma assumiu a obrigação de comunicar-se com o pai todos os dias. Com o passar do tempo, a ligação diária transformou-se em uma única conversa semanal ao telefone, geralmente aos domingos, até resumir-se à troca de cartões.

A formalidade entre pai e filha é evidenciada pela percepção da protagonista de que seu pai sempre telefonava antes de visitá-la, perguntando sobre a conveniência da visita, ao passo que a mãe simplesmente avisava a data e o horário da chegada.

A relação entre as duas era paradoxal, pois Ruma, ao mesmo tempo em que reconhecia em sua mãe qualidades que jamais viria a ter, rejeitava a sua subserviência absoluta à tradição, sem compreender que aquela era uma estratégia para suportar a distância da família e do país natal.

Em *Reflexões sobre o exílio*, Said (2003, p.52) faz distinção entre os termos “exilado”, “expatriado” e “imigrante”, a partir do critério de motivação para o deslocamento, mas admite que, em qualquer dessas circunstâncias, há uma fratura incurável entre um ser humano e seu lugar natal, uma “estada sofrida no território do não pertencer, caracterizada pelo abandono das raízes e do passado”. Na desterritorialização, há que recriar em terra estrangeira o vínculo com a terra natal (CARREIRA, 2011, p.25), o que explica a insistência da mãe da protagonista na manutenção dos valores de sua própria cultura.

A liberdade pela qual Ruma sempre lutara em sua adolescência parece esvanecer-se em sua vida de casada. O nascimento de Akash, seu primeiro filho, fizera com que ela optasse por uma redução de carga horária no escritório de advocacia em que trabalhava. Logo em seguida, a morte da mãe, em decorrência de uma cirurgia mal sucedida, fê-la demitir-se e dedicar-se integralmente à educação do filho.

Sem que percebesse, Ruma abriu mão de uma condição que lhe dava independência, assumindo um papel social idêntico ao de sua mãe, tantas vezes criticado.

There were mornings she wished she could simply get dressed and walk out the door, like Adam. She didn't understand how her mother had done it. Growing up, her mother's example moving to a foreign place for the sake of marriage, caring exclusively for children and a household had served as a warning, a path to avoid. Yet this was Ruma's life now (LAHIRI, 2008, p.11)^{vi}

Ao ver o pai saltando do táxi, envelhecido e vestido com trajes ocidentais, vem-lhe à memória a imagem da mãe com seus sáris coloridos; um contraponto à imagem cosmopolita que seu pai transmitia agora. Naquele exato momento, dá-se conta de que os pais sempre tinham sido muito diferentes um do outro. A mãe, a exemplo de muitos imigrantes de primeira geração, recusava-se a falar o inglês em família; o pai era mais flexível, o que facilitara a assimilação à nova cultura.

Ela mesma havia tentado de alguma forma manter um pé no passado, ensinando umas poucas palavras em bengali a Akash, mas o filho crescera e ela não tivera a disciplina necessária para continuar. Na realidade, o seu mundo era dividido em dois idiomas: o da infância, bengali, e o da idade adulta, o inglês, assim como o seu eu cindido.

By now Akash had forgotten the little Bengali Ruma had taught him when he was little. After he started speaking in full sentences English had taken over, and she lacked the discipline to stick to Bengali. Besides, it was one thing to coo at him in Bengali, to point to this or that and tell him the corresponding words. But it was another to be authoritative; Bengali had never been a language in which she felt like an adult. Her own Bengali was slipping from her (LAHIRI, 2008, p. 12).^{vii}

Ruma sempre gostara das roupas ocidentais, o que causava desgosto à sua mãe, que, dramaticamente, previra que todas as suas roupas acabariam em mãos estranhas quando morresse. De fato, após a sua morte, Ruma optara por

ficar com apenas três dos duzentos e dezoito sáris que a mãe possuía, desfazendo-se do restante.

As lembranças das aptidões da mãe como dona de casa fazem-lhe perceber que, em todo o seu tradicionalismo e apego às raízes, ela fora a sua *homeland*. A palavra é empregada aqui no sentido atribuído por Rushdie em *Imaginary homelands* (1991): o lócus onde a identidade é ancorada. Lahiri parece enfatizar o fato de que, não tendo uma terra natal real para recordar, a protagonista busca ancoragem no que há de mais próximo dela, a própria mãe, que assume, assim, um caráter simbólico.

Daí por diante, a história passa a ser uma sucessão de descobertas de parte a parte. A oscilação entre a memória e o esquecimento tem o vulto de uma dialética ainda mais complexa, entre ater-se às raízes ou permitir mudanças.

É um pai desconhecido que lhe aconselha a voltar a trabalhar, a não viver só para os filhos, como sua mãe fizera. Um pai que nunca lhe contara o quanto as cobranças da esposa, a falta de reconhecimento dela diante do esforço que fazia para manter a família, o entristeceram e destruíram a cumplicidade que um dia tiveram.

A alternância de focalização é o subterfúgio usado pelo narrador para revelar ao leitor uma outra versão dos acontecimentos: a ótica de um homem de setenta anos, a quem a perda da esposa, o casamento da filha e o distanciamento do único filho homem legaram apenas a instância de estar vivo. A perspectiva do pai confere, assim, uma nova nuance à narrativa: o contraste entre duas pessoas que optaram por atitudes diversas ante a realidade da migração: enquanto a mãe continuava apegada à tradição, o pai se rendia às necessidades da vida no país hospedeiro.

Ignorando o conselho dos amigos, que o incitavam a seguir o costume e a viver com a filha em Seattle, ele decide dar sentido à própria existência. Em uma de suas viagens, travou conhecimento com uma viúva de sua própria etnia, com a qual pretende manter contato.

Antes de partir para outra viagem, planta um jardim e ensina ao neto o nome dos objetos em bengali. A sua partida deixa na filha uma certeza: a América é exatamente como ela pensava na sua juventude; a terra onde novas

identidades podem ser construídas, pautadas no presente e no futuro, livres da opressão das amarras de uma memória que já não é mais a sua.

Nesse aspecto, Dominique Nagpal observa que a produção literária de Lahiri revela que o local a que alguém se encontra profundamente ligado não é necessariamente o país ao qual está atado por laços de sangue ou nascimento, e, sim, aquele que lhe dá a sensação de completude (NAGPAL, 2009, p.2).

2.2 A identidade diaspórica em “Hell-Heaven”

O conto “Hell-Heaven” também aborda a relação de descendentes de imigrantes com a tradição. Os filhos da primeira geração de imigrantes geralmente são obrigados a enfrentar o seu estatuto de “hifenados”^{viii} por meio de uma interpretação um tanto quanto mítica de uma terra natal que não apenas é totalmente desconhecida, mas também representa justamente a parte perdida do hífen. Assim, o conceito de terra natal fica a meio termo entre uma idealização e o espaço empírico.

A história é narrada em *flashback*, do ponto de vista de uma jovem que revisita a sua infância e reflete sobre as complexas relações de sua família com um rapaz indiano, também imigrante e estudante do MIT.

Pranab Kaku pertencia a uma família rica de Calcutá e jamais havia feito coisa alguma “além de servir-se de um copo de água” antes de ir para a América (LAHIRI, 2008, p.62). Ao se tornarem amigos, ele lhes contou que vivia em um sótão alugado na residência de uma senhora que tinha dois filhos barulhentos.

A situação do rapaz, aliada ao fato de que era da mesma região onde Aparna, a mãe da narradora, nascera, faz com que a amizade se solidifique e, em pouco tempo, ele é aceito como um membro da família, passando a frequentar a casa mesmo na ausência de Shyamal, o chefe da família.

O casamento de Aparna fora parte de um acordo, cuja finalidade era obter a permissão da família do noivo para que ele pudesse emigrar para a América. A carreira de Shyamal é o centro de sua vida, uma espécie de concha, na qual nem Aparna nem Usha conseguem penetrar. A sua natureza, friamente intelectual, não o deixa perceber as carências da esposa, criando, na vida já limitada desta, um vazio que aumenta com o passar do tempo.

Conversation was a chore for him; it required an effort he preferred to expand at the lab. He disliked excess in anything, voiced no cravings or needs apart from the frugal elements of his daily routine: cereal and tea in the mornings, a cup of tea after he got home, and two different vegetable dishes every night with dinner. He did not eat with the reckless appetite of Pranab Kaku. My father had a survivor's mentality. (LAHIRI, 2008, p. 65)^{ix}

A diferença entre os dois homens acentua-se à medida que Pranab passa a ficar mais próximo da família. O jovem está sempre por perto e disposto a ouvir as histórias de Aparna e a conversar sobre o que têm em comum, como, por exemplo, o gosto musical, o interesse por cinema e poesia, coisas que ela e o marido não compartilham.

A inocência da narradora não lhe permite perceber que sua mãe se apaixonara pelo novo amigo.

He appeared without warning, never phoning beforehand but simply knocking on the door the way people did in Calcutta and calling out "Boudi!" as he waited for my mother to let him in. Before we met him, I would return from school and find my mother with her purse in her lap and her trench coat on, desperate to escape the apartment where she had spent the day alone. But now I would find her in the kitchen, rolling out dough for luchis, which she normally made only on Sundays for my father and me, or putting up new curtains she'd bought at Woolworth's. I did not know, back then, that Pranab Kaku's visits were what my mother looked forward to all day. (LAHIRY, 2008, p.63).^x

A fase idílica termina quando Pranab anuncia que pretende casar com Deborah, uma jovem americana. Como a sua família a rejeita, ele procura apoio nos pais de Usha.

He had told his parents all about us, and at one point my parents had received a letter from them, expressing appreciation for taking such good care of their son and for giving him a proper home in America. "It needn't be long," Pranab Kaku said. "Just a few lines. They'll accept it more easily if it comes from you." My father thought neither ill nor well of Deborah, never commenting or criticizing as my mother did, but he assured Pranab Kaku that a letter of endorsement would be on its way to Calcutta by the end of the week. My mother nodded her assent, but the following day I saw the teacup Pranab Kaku had used all this time as an ashtray in the kitchen garbage can, in pieces, and three Band-Aids taped to my mother's hand. (LAHIRI, 2008, p.71)^{xi}

Aparna, que, antes do aparecimento de Pranab, encarava a permanência na América como uma tortura, via nos momentos que compartilhava com o rapaz um meio de suportar a existência em um país estrangeiro.

Em *Reflexões sobre o exílio*, Said afirma que os imigrantes têm uma percepção contrastiva, considerando-se que, para um exilado, hábitos, atividades ou mesmo o modo de expressar-se inevitavelmente reacendem a memória de outro meio ambiente (SAID, 2003, p.186). No exílio, Aparna tenta recuperar algo do seu lugar antropológico por meio do seu relacionamento com Pranab.

Além disso, sob a pele da tradição, há uma mulher que inveja a possibilidade, que os ocidentais têm, do casamento por amor. Embora não cogite abandonar a família, a presença do jovem faz com que ela possa desfrutar indiretamente esse prazer. A chegada de Deborah e a notícia do casamento a transtorna, muito embora não transpareça sofrimento, mas desequilibra a sua visão do paraíso.

A mudança que a jovem causa no comportamento de Pranab sofre a crítica de Aparna em reuniões com seus conterrâneos:

At larger gatherings, they kissed and held hands in front of everyone, and when they were out of earshot my mother would talk to the other Bengali women. "He used to be so different. I don't understand how a person can change so suddenly. It's just hell-heaven, the difference", she would say, always using the English words for her self-concocted, backward metaphor. (LAHIRI, 2008, p.69)^{xii}

O apoio que Pranab solicita resulta em uma chamada telefônica no meio da madrugada, permeada de acusações a Shyamal e Aparna, por terem concordado com um enlace que contrariava os planos da família: Pranab já tinha uma noiva prometida em Calcutá, com quem deveria casar-se. Ele fora enviado à América para completar sua educação e retornar à terra natal, reproduzindo, assim, uma cultura colonial que deveria estar extinta, mas estende os seus tentáculos no mundo contemporâneo sob a forma de dependência cultural.

O fim do colonialismo, ao menos politicamente, em 1947, na Índia, não impediu que a sua ideologia continuasse entranhada na identidade cultural, tornando-se perceptível nas práticas sociais, econômicas e políticas.

Assim como Pranab, que desafia os pais, casando-se com Deborah e educando as filhas sem nenhum tipo de vínculo com a Índia, Usha também se rebela. Ambos desejam livrar-se da obrigatoriedade de manutenção de crenças

e tradições que não são suas, mas de seus ancestrais. Para Pranab, o caminho se abre através do casamento; para Usha, na transformação de Deborah em um modelo a ser seguido: o de uma mulher norte-americana.

Usha inveja as filhas de Deborah, “crianças que mal parecem indianas, que só falam inglês, que não são obrigadas a ir a Calcutá todos os anos em visita às famílias de seus pais”. O seu desejo de independência faz com que tome uma atitude egoísta, menosprezando a própria mãe:

I began keeping other secrets from her, evading her with the aid of my friends. I told her I was sleeping over at a friend's when really I went to parties, drinking beer and allowing boys to kiss me and fondle my breasts and press their erections against my hip as we lay groping on a sofa or the backseat of a car. I began to pity my mother; the older I got, the more I saw what a desolate life she led. She had never worked, and during the day she watched soap operas to pass the time. Her only job, every day, was to clean and cook for my father and me (...) when my mother complained to him about how much she hated life in the suburbs and how lonely she felt, he said nothing to placate her. “If you are so unhappy, go back to Calcutta”, he would offer, making it clear that their separation would not affect him one way or the other. I began to take my cues from my father in dealing with her, isolating her doubly. (LAHIRI, 2008, p.76)^{xiii}

Somente anos mais tarde, quando adulta, Usha é capaz de rememorar o passado e compreender o dilema vivido por sua mãe. O tempo amenizara o sofrimento de Aparna e lhe permitira fazer concessões, adequando-se ao modo de vida americano. As relações com Shyamal também tinham mudado, tornando-se uma cumplicidade perceptível.

A compreensão dos fatos concretiza-se após uma conversa entre mãe e filha, quando Aparna tenta consolar Usha após o término de uma relação amorosa. Só então, ela confessa que quase tirara a própria vida após o casamento de Pranab. Ela havia espalhado solvente nas próprias roupas e estava para riscar um fósforo quando foi interrompida por uma vizinha. Ao chamá-la e comentar o quanto o pôr do sol estava lindo, a Sra Holcomb havia mostrado a Aparna o absurdo do que pretendia fazer.

As palavras da narradora demonstram que, ao final, a aceitação de um novo estado de coisas é acompanhada de uma mudança identitária:

Their hearts had been broken by the same man, only my mother's had long ago mended, and in an odd way, as my parents approached their old age, she and my father had grown fond of each other, out of habit if nothing else.

I believe my absence from the house, once I left for college, had something to do with this, because over the years, when I visited, I noticed a warmth between my parents that had not been there before, a quiet teasing, a solidarity, a concern when one of them fell ill. My mother and I had also made peace; she had accepted the fact that I was not only her daughter but a child of America as well(...) after years of being idle, she decided, when she turned fifty, to get a degree in library science at a nearby university. (LAHIRI, 2008, p. 81)^{xiv}

A trajetória da família de Usha corresponde, assim, a uma estratégia de sobrevivência tradutória, que exige uma ressignificação dos símbolos culturais tradicionais.

3. Considerações finais

Jhumpa Lahiri é uma imigrante de segunda geração e, portanto, imprime nuances próprias à dialética entre memória e esquecimento, entre tradição e tradução, ao expor os conflitos inerentes a uma identidade reconhecidamente híbrida, fruto de negociações entre diferentes culturas.

A memória sociocultural coletiva dos povos da diáspora constitui-se de laços com uma terra natal distante e idealizada. Lahiri concede a si mesma o privilégio de estabelecer esses laços de forma diferenciada. O seu estilo de narrar, fruto da transculturação, transpira a fluidez das identidades alternativas.

Ao ecoar sua dupla voz, de alguém que, sendo descendente de indianos, nasceu no ocidente, ela cria um universo ficcional em que os personagens experimentam um sentimento paradoxal de atração e separação da terra natal coletivamente imaginada. Sentimento compartilhado com a própria autora, que, em suas entrevistas, não hesita em afirmar que, como outros escritores migrantes, criou personagens hifenados de modo a expurgar a sua identidade cindida.

A epígrafe que introduz o livro, uma citação de Hawthorne, sugere que o destino dos homens pode ser mudado quando eles lançam suas sementes em um solo novo. Para a autora, esse solo é a América.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Non-places: introduction to an anthropology of supermodernity*. London, New York: Verso, 1995.

BHABHA, Homi. Culture's In-Between. In: HALL, Stuart; GAY, Paul du (Org.). *Questions of Cultural Identity*. Londres: Sage Publications, p. 53-60, 1996.

BRAH, Avtar. Diaspora, border and transnational identities. In: _____. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London; New York: Routledge, 1996. p. 178-248.

BRUBAKER, Rogers. The 'diaspora' diaspora. *Ethnic and Racial Studies*, London, v. 18, n. 1, p.1-19, jan. 2005.

CARREIRA, Shirley. Questões pós-coloniais em *Grimus*, de Salman Rushdie. *Sincronia*. Guadalajara, Invierno, 2004. Disponível em: <<http://sincronia.cucsh.udg.mx/carreirab04.htm>> Acesso em 10 de julho de 2012.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 7, n. 15, July 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000100005 &lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 de julho de 2012.

CLIFFORD, James. Diaspora. *Journal of cultural Anthropology*, Troy, NY, v. 3, n. 9, p. 302-38, 1994.

_____. Diasporas. In: _____. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge e London: Harvard University Press, 1997. p. 244-277.

COHEN, Robin. *Global diasporas: an introduction*. Seattle: Washington University Press, 1997. 228 p.

_____. Diasporas and the Nation-State: from victims to challengers. In: _____; VERTOVEC, Steven (Eds). *Migration, diasporas and transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 266-278.

GILROY, Paul. Diaspora and the detours of identity. In: WOODWARD, Kathryn (Ed.).

Identity and difference. Sage Publications: London, Thousand Oaks, New Delhi, 1997.

GOLDBERG, David Theo. Introduction: Multicultural conditions. In: _____. *Multiculturalism - a critical reader*. Oxford: Blackwell, 1997. p. 21.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diáspora. In: RUTHERFORD, J., (ed.), *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990.

_____. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2008

HEDGE, M. G. Movements and migration: tales from the third space. In: SHUKLA, S.; SHUKLA, A. *Migrant voices in literatures in English*. New Delhi: Sarup & Sons, 2006.

LAHIRI, Jhumpa. *Unaccustomed earth*. New York: Vintage, 2008.

_____. My two lives. *Newsweek*. Disponível em:

<<http://www.thedailybeast.com/newsweek/2006/03/05/my-two-lives.html>>

2006-03-06. Acessado em 2011-12-03.

NAGPAL, Dominique. Between Heaven and Hell- Perceptions of Home and the Homeland in Jhumpa Lahiri's work. Master thesis. 2009. Disponível em:

<<http://www.grin.com/en/e-book/140969/between-heaven-and-hell-perceptions-of-home-and-the-homeland-in-jhumpa#inside>> Acessado em 15 de dezembro de 2011.

SAID, Edward. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homelands and return. *Diaspora: a journal of transnational studies*. Toronto: University of Toronto Press, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991.

SCHNAPPER, Dominique. De l'État-nation au monde transnational. Du sens et de l'utilité du concept de diaspora. *Revue Européenne de Migrations Internationales*, v. 17, n.2, 2001. p. 9-36. Disponível em: <<http://www.persee.fr>> Acesso em: 28 jun. 2009.

Notas

ⁱ Consideramos aqui a definição de Marc Augé, isto é, local de existência, residência e trabalho, que é “é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (AUGÉ, 1995, p.51).

ⁱⁱ Homi Bhabha chama esse intervalo vazio de terceiro espaço: o hiato instantâneo entre a estereotipia da língua e a sua realização viva, concreta; entre a sua estabilidade hegemônica e sua contingência no momento em que se estabelecem as hierarquias de poder.

ⁱⁱⁱ Rushdie, ao falar de si como um escritor migrante, autointitulou-se um “homem traduzido”.

^{iv} O conceito de transculturação considerado como ponto de partida para este trabalho é o de mescla de culturas ocidentais e/ou não ocidentais, que proporcionam uma intensa troca cultural e o surgimento de identidades híbridas.

^v Os postais foram as primeiras correspondências que Ruma recebera de seu pai. Em seus trinta e oito anos, ele nunca tinha tido qualquer razão para escrever-lhe. Era uma correspondência unilateral; suas viagens eram muito breves, de modo que não havia tempo para Ruma responder, e além disso, ele não tinha como receber correspondências a cada parada(...) Os cartões eram destinados a Ruma; seu pai nunca incluiu o nome de Adam, ou mencionara Akash. Somente na despedida ele dava sinal de uma ligação pessoal com eles. "Seja feliz, com amor Baba", ele assinava, como se alcançar a felicidade fosse assim tão simples.

As citações em português foram traduzidas do original em inglês pela autora do artigo.

^{vi} Havia manhãs, que ela desejava poder, simplesmente, vestir-se e sair pela porta, como Adam. Ela não entendia como sua mãe tinha feito isso. O exemplo de sua mãe, mudando-se para um lugar estranho por causa do casamento, cuidando exclusivamente dos filhos e da casa serviu como um aviso, um caminho a ser evitado. No entanto, aquela era a vida de Ruma agora.

^{vii} Agora, Akash já tinha esquecido o pouco que Ruma havia ensinado do idioma de seus pais quando ele era pequeno. Depois que ele começou a falar frases completas o inglês predominou, e faltou-lhe disciplina para ater-se ao bengali. Além disso, uma coisa era apontar para isto ou aquilo e dizer a palavra correspondente, outra era ser autoritária; o bengali nunca tinha sido o idioma de sua vida adulta. Ela mesma já o vinha esquecendo.

^{viii} Há uma tendência, predominantemente norte-americana, de conceber a identidade de minorias como identidades hífenadas. Assim, um negro americano é tratado como afro-americano, o que parece, no entanto, ter um efeito inverso ao pretendido, pois, ao invés de uni-las, mantém a separação entre duas matrizes culturais distintas.

^{ix} A conversa era uma obrigação para ele; requeria um esforço que ele preferia fazer no laboratório. Ele detestava os excessos, não concebia nada além dos elementos frugais de sua rotina: chá e cereais pela manhã, uma xícara de chá após chegar a casa, e dois pratos de vegetais diferentes ao jantar. Ele não comia com o apetite descuidado de Pranab Kaku. Meu pai tinha uma mentalidade de sobrevivente.

^x Ele apareceu sem avisar, sem telefonar antecipadamente, batendo simplesmente na porta, do modo como se faz em Calcutá, e gritando “Boudi!”, enquanto esperava que minha mãe o deixasse entrar. Antes de o encontrarmos, eu voltava da escola e encontrava minha mãe com a bolsa no colo e de casaco, desesperada para escapar do apartamento onde havia passado o dia inteiro. Mas agora, eu a encontrava na cozinha, esticando a massa para os luchos, o que ela normalmente fazia apenas aos domingos para meu pai e eu, ou colocando cortinas novas que havia comprado em Woolworth’s. Entendo agora, ao recordar-me, que as visitas de Pranab Kaku eram aquilo por que a minha mãe ansiava o dia inteiro.

^{xi} Ele havia contado aos seus pais sobre nós, e, em um determinado momento, meus pais receberam uma carta deles, expressando sua alegria por cuidarmos tão bem de seu filho e por dar-lhe uma casa apropriada na América. “Não precisa ser longa”, Pranab disse, “Poucas linhas. Eles aceitarão melhor se partir de vocês.” Meu pai não pensava nem bem nem mal de Deborah, nunca citando-a ou criticando-a, como minha mãe fazia, mas assegurou a Pranab Kaku que a carta de apoio estaria a caminho de Calcutá no fim da semana. Minha mãe concordou, mas no dia seguinte eu vi a xícara que Pranab Kaku usava todo o tempo como cinzeiro na lata de lixo da cozinha, em pedaços, e três Band-Aids na mão de minha mãe.

^{xii} Em meio a um número maior de pessoas, eles se beijavam e andavam de mãos dadas à frente de todos, e, quando estavam distantes o suficiente para não ouvirem, minha mãe comentava com outras bengalesas. “Ele era tão diferente. Não compreendo como uma pessoa pode mudar tão repentinamente. É tipo inferno-céu, a diferença”, ela dizia, sempre usando as palavras inglesas para a sua autoforjada metáfora.

^{xiii} Eu aprendi a esconder coisas dela, com ajuda dos meus amigos. Eu lhe dizia que estava dormindo na casa de uma amiga, quando, na realidade, ia a festas, bebia cerveja e deixava que os rapazes me beijassem e tocassem meus seios, pressionando suas ereções contra o meu quadril quando estávamos nos apalpando em um sofá ou no banco de trás de um carro. Eu comecei a ter pena da minha mãe; à medida que crescia, eu percebia mais e mais a vida desolada que levava. Ela nunca trabalhara e passava o dia assistindo novela para matar o tempo. Sua única ocupação, todos os dias, era limpar e cozinhar para meu pai e eu (...) quando minha mãe reclamava com ele do quanto ela odiava a vida no subúrbio e como se sentia só, ele nada dizia para acalmá-la. “Se está tão infeliz, volte para Calcutá”, dizia, deixando claro que a separação não o afetaria. Eu comecei a fazer o mesmo que ele ao lidar com ela, isolando-a duplamente.

^{xiv} Seus corações tinham sido partidos pelo mesmo homem, apenas o de minha mãe tinha sido remendado há um longo tempo atrás, e, de um modo estranho, quando meus pais envelheceram, começaram a gostar mais um do outro, quem sabe devido ao hábito. Acredito que a minha ausência, uma vez que estava na faculdade, tenha tido alguma importância nisso, pois, com o passar dos anos, quando eu os visitava, sentia um calor entre eles que nunca havia estado lá, uma implicância discreta, uma solidariedade, uma preocupação com o outro se um deles estivesse mal. Minha mãe eu também tínhamos entrado em acordo. Ela já aceitava o fato de que eu não era apenas sua filha, mas uma filha da América também (...) depois de anos sem fazer nada, ao chegar aos cinquenta, ela decidiu ingressar no curso de biblioteconomia de uma universidade próxima.